

IMAGEM DE UM BRASIL(EIRO) ESGARÇADO: UMA LEITURA SOBRE O CONTO *O ESPELHO (ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA) DE MACHADO DE ASSIS*

Andréa Morais Costa BÜHLER¹

RESUMO

Analisaremos o conto “O espelho”, a partir de uma metodologia interpretativa que articule texto e contexto, numa linha reflexiva em que o externo (no caso, o social) desempenha um papel na constituição da estrutura do texto, tornando-se, portanto, interno. Essa questão aparece representada no conto “O espelho”, onde a denúncia de uma vida coisificada, numa sociedade burguesa em constituição, mas, ao mesmo tempo, combinada a prevalência de valores autoritários e patriarcais de uma sociedade ainda escravagista, incide sobre a problemática de realidade/identidade do sujeito e do meio social. Justamente, o espelho, como símbolo de mediação entre indivíduo e mundo, reflete um Brasil de aparência e de falsas virtudes preso à princípios arcaicos de privilégio e clientelismo, de modo que a identificação do indivíduo com estes engendra as condições de sua alienação e do seu esvaziamento.

PALAVRAS-CHAVE: Espelho. Identidade. Sociedade.

“O espelho (esboço de uma nova teoria da alma humana)”, de Machado de Assis, é um olhar que reflete uma imagem crítica sobre a preservação de si e a exterioridade dialogada, num jogo de poder em que a dialética destruição/construção descobre o problema entre o indivíduo e a sociedade em tensão. A metáfora do espelho radicaliza o problema: morrer por um Brasil de uniforme, ou viver sem glória, sem nenhuma razão.

Desta sorte, a nossa crítica literária orienta-se através de uma cuidadosa atenção ao texto para o espaço social em que este foi gerado e vice-versa. É deste ir e vir que depreenderemos o princípio organizacional subjacente ao processo. Tal procedimento crítico-metodológico tem por base uma acepção marxista: a forma social é objetiva, e as relações humanas estão subordinadas às relações materiais objetivas. Portanto, dentro do processo de reprodução social, o indivíduo aparece como leis das próprias coisas, resultado de um mundo já reificado.

Para o nosso estudo, importa, como nos ensina Schwarz:

Construir o processo social em teoria, tendo em mente engendrar a generalidade capaz de unificar o universo do texto estudado, generalidade que antes dele o escritor havia percebido e transformado em princípio de construção artística. Trata-se de chegar a uma estrutura de estruturas: a forma do texto, articulada ao processo social, que tem de estar construído de modo a viabilizar e tornar inteligível a coerência e a força organizadora da primeira, a qual é ponto de partida da reflexão (SCHWARZ, 1987, p.140).

Trata-se de perceber essa generalidade, da qual nos fala Schwarz, como princípio vital do texto, isto é, como motor interno que engendra sua reflexão. Na verdade, acreditamos, como Schwarz, que essa construção relacional entre texto e realidade nos permite falar sem impropriedade na matéria social da forma literária e nos sentidos virtuais que esta explora.

¹ Universidade Federal da Paraíba.

Assim, na trilha deste procedimento, nosso trabalho aqui consiste, fundamentalmente, em demonstrar no conto, “O espelho”, a relação dos modos de ser da sociedade brasileira com o processo de reprodução social, dentro de um sistema escravagista, patriarcal e hipócrita do século XIX.

Para efeito de análise, o pano de fundo que constitui o motor interno capaz de suscitar uma reflexão sobre o texto se relaciona, historicamente, com a frágil formação de nossa identidade sócio-cultural, que tem sido sucessivamente retomada por Schwarz e Antonio Cândido. Estes têm salientado as conseqüências nefastas para a sociedade brasileira ao se manter um modelo sócio-econômico que combina impropriamente patrimonialismo e modernidade. “As idéias fora do lugar”, conceito cunhado por Schwarz a partir da leitura da obra de Machado de Assis, se baseia na ideologia sociológica marxista, voltada para o questionamento das contradições provocadas pela modernização nos países periféricos. Expressões como “descompasso”, “mal-estar” e “torcicolo cultural”, traduzem a preocupação de Schwarz em apontar a defasagem entre as idéias impostas e a sua recepção num contexto social diferenciado. Enquanto a modernização européia se baseava na autonomia do indivíduo, na universalização da lei e na ética do trabalho, no Brasil, a cultura do favor, anti-moderna como a escravidão, prega a dependência pessoal, o “jeitinho brasileiro” e a exceção à regra. O homem livre continuava preso a uma estrutura social que não se desvinculava do arcaísmo de valores oligárquicos, obstáculos para a constituição de um Estado moderno.

Essa questão sociologicamente abordada por Schwarz em seus estudos críticos-literários, aparece representada no conto “o espelho”, onde a denúncia de uma vida coisificada, numa sociedade burguesa em constituição, mas, ao mesmo tempo, combinada a prevalência de valores autoritários, patriarcais e clientelistas de uma sociedade ainda escravagista, incide sobre a problemática de realidade/identidade do sujeito e do meio social.

Justamente, o espelho, como símbolo de mediação entre indivíduo e mundo, reflete um Brasil de aparência e de falsas virtudes preso à princípios arcaicos de privilégio e clientelismo, de modo que a identificação do indivíduo com estes engendra as condições de sua alienação e do seu esvaziamento. O espelho reflete, portanto, uma imagem de poder onde a falsa realidade ou a desrealização do real atinge até os recônditos da alma humana. Precisamente, aqui, a discussão do “duplo”, representada no conto pela alma exterior e pela interior, e referida na narrativa como uma apreensão metafísica, não se sustenta, uma vez que fica evidente a constituição da alma como obra de uma organização social onde a interioridade é exterioridade. A idéia da alma aparece, portanto, como faticidade do mundo material, e não como pertencente a esfera da transcendência. Essas são algumas das questões que envolvem, em suas bases fundamentais, a representação do esgarçamento do tecido social e a falta de base para o processo de individuação decorrente deste esgarçamento

No conto “O espelho (Esboço de uma nova teoria da alma humana)”, publicado originalmente em 1882, na coletânea *Papéis Avulsos* (Ed. Ática, 1982), Machado de Assis transpõe para o plano artístico-literário as incidências do processo de esgarçamento do tecido social, associado às fragilidades e contradições de nossa formação histórica, a qual articula impropriamente liberalismo e oligarquia (baseado na tradição familista-colonial), e em decorrência desse processo, a impossibilidade de oferecer uma base de permanência e integridade à existência. Vejamos como isso está representado no conto.

Em uma casa de Santa Teresa, reuniam-se cinco amigos para debater questões de “alta transcendência”. Um deles, Jacobina, mantinha-se em um silêncio obstinado, recusando-se a entrar na discussão. Aliás, este silêncio, segundo alguns comentaristas, sugere uma explicação: discutir supõe busca de unidade de consciência, e é essa unidade que o conto vai por em xeque.

Jacobina, homem de 45 anos, “provinciano”, “capitalista”, pobre de origem, conseguiu subir na vida graças à sua nomeação a um posto militar. Muito reservado, de pouca conversa, de repente surpreende a todos fazendo um relato longo a respeito de um episódio de sua vida. Pretendia defender a idéia de que existiriam duas almas: a alma exterior e a alma interior. Mas, como veremos no relato do episódio do espelho, a alma interior de Jacobina (sua auto-imagem e auto-consciência) constitui-se, invariavelmente, de fora para dentro, ou seja, a partir de uma imagem presa a representatividade social, aliás, tão em conta numa sociedade presa a padrões personalistas.

Aos 25 anos, Jacobina foi nomeado “Alferes da Guarda Nacional”. Isto foi suficiente para que todos de sua família passassem a elogiá-lo e dele se orgulhar, não mais por ser “Joãozinho”, e sim pela patente militar que ostentava em sua farda. É ostensivo a representatividade de um papel social:

Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura (ASSIS, 1993, p.33).

O status, insígnia valorosa numa sociedade personalista, vai ganhando prevalência em relação a qualquer outra imagem.

Um dia, foi chamado por sua tia Marcolina que morava em um sítio distante. Essa tia, em reconhecimento dos méritos do sobrinho, ofereceu-lhe o que havia de melhor da mobília da casa: um grande espelho, que funcionou como desencadeador do processo de auto-conhecimento do protagonista.

Jacobina relata que tudo começou a mudar em sua vida. O mundo exterior, que antes lhe restituía um sentido humano, acabou fazendo com que deste se afastasse, ao ver a valorização de sua pessoa ser substituída pela exclusiva valorização do cargo que assumira:

O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou... O alferes eliminou o homem... Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem (ASSIS, 1993, p.35).

Logo após sua chegada no sítio, essa sua tia teve que fazer uma longa viagem, deixando-o a sós com os escravos. Sozinho, na ausência da tia Marcolina, Jacobina, parcialmente despido de suas vestes representacionais, depara-se com a dureza e crueza de se reconhecer a si próprio: “Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais.” (ASSIS, 1993, p.36). Na verdade, eram ainda os escravos que o preservavam de uma massacrante crise existencial: “Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida.” (ASSIS, 1993, p.36).

As bajulações, típicas de um sistema ostensivamente hierárquico e personalista, é ainda a garantia de uma distinta e vantajosa existência. Referindo-se aos escravos, Jacobina observa:

Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de se casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático (ASSIS, 1993, p.36).

Acontece que, no dia seguinte, os escravos fugiram. Jacobina ficou na mais completa solidão. Desapareceu a “alma exterior”, mesmo aquela que só o reconhecia pela patente militar. Durante o dia, sua alma interior foi perdendo as referências externas, restando-lhe apenas os sonhos noturnos. Foi se apavorando ante a dilaceração que sentia em seu interior. O silêncio, a solidão, tornaram-se-lhe enlouquecedores. Após oito dias, resolveu olhar-se no espelho e o susto foi maior ainda: “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra da sombra.” (ASSIS, 1993, p.39). Refletia-se ali, no espelho, a sensação que o invadia a de mutilação de si.

Estava resolvido a ir-se embora do sítio antes que enlouquecesse, quando teve uma idéia: vestir a farda de alferes e olhar-se novamente no espelho. Reapareceu, assim, sua imagem: nítida, forte e unificada. Eis como a própria personagem explica o fenômeno: “essa alma ausente, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho.” (ASSIS, 1993, p.148). E foi desse modo, vestindo-se com a marca pela qual ganhou notoriedade pública, que Jacobina conseguiu enfrentar a solidão por mais alguns dias.

Machado de Assis, neste conto, formaliza esteticamente a generalidade de uma forma social apreendida em seus princípios autoritários, personalistas e alienantes, a qual acena como única realização para a construção de um projeto de vida “um viver nos outros”, sustentado, na maioria das vezes, por insígnias identitárias, cujo valor simbólico é produto de uma formação histórica que combina e concilia valores arcaicos e modernos.

O escritor apresenta ao leitor um processo de desconstrução de uma identidade (ou de subjetivação) possível, a qual se vê minada na medida em que sua interioridade é substituída por relações vazias de sentido, embora muito valorizadas socialmente. Um processo, na verdade, calcado na valorização do sujeito a partir, única e exclusivamente, de insígnias institucionais (a patente militar), que o conduz cada vez mais ao seu desaparecimento como um sujeito autônomo. Evidencia-se um paradoxo chocante: o estado de despersonalização que Jacobina experimenta quando perde o referencial externo (a alma exterior) só é superado por meio da reapropriação das mesmas insígnias que o alienaram de sua existência, sendo obrigado, pois, a vestir o uniforme de Alferes, como forma de restituir a unidade do eu. Desaparecendo diante de uma insígnia institucional a que serve, Jacobina se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido e realizado por ela. O esvaziamento do sujeito quando se vê concretizado em uma etiqueta identitária é a imagem chocante de uma sociedade que realiza o sentido de uma vida segundo uma aparelhagem baseada na aparência e na mentira.

Desta sorte, no conto, Machado de Assis anuncia, por intermédio do recurso ao espelho, não apenas o risco de se desmanchar uma interioridade que não vê mais resposta através de uma experiência significativa, mas, também, põe em questão o descompasso conflituoso entre a realidade particular e as imagens veiculadas pela realidade consensual. Questão, aliás, muito discutida por Hegel, o qual propõe um estado ideal de situação mundial de felicidade, na qual se supere o conflito entre os interesses particulares dos indivíduos e a universalidade que na esfera burguesa demandaria, paradoxalmente, o sacrifício da individualidade.

Adorno e Horkheimer, por sua vez, já nos anos 50, sustentavam que o novo sistema de dominação ideológica não mais se fazia pela simulação de uma pretensa autonomia, ou de um discurso enganoso, visto que a ideologia era ela mesma a própria realidade, constituindo-se em um sistema coeso, em que a cultura, a economia e a política se fundiriam em um único sistema onipresente capaz, não apenas de paralisar a crítica e as forças de oposição, como também de penetrar nas esferas mais íntimas da consciência e da cultura. É preciso observar, no entanto, que a compreensão profunda das determinações societárias, segundo Adorno, só poderiam ser apreendidas no interior da cisão fundamental do sujeito psíquico, a única capaz de denunciar o irreconciliável que a razão autoconservadora tentara negar. No conto, é o espelho, que apontando a relação dialética entre indivíduo e sociedade, possibilita uma crítica à aparelhagem brasileira produtora de um real alienado.

Assim, o princípio ordenador, capaz de dar uma totalidade coesa à narrativa, é a da problemática identitária entre indivíduo e sociedade encarnada na idéia do espelho. Fundamentalmente, a leitura crítica do conto “O espelho (Esboço de uma nova teoria da alma humana)” consistiu em proporcionar a visibilidade desse descompasso entre sujeito e realidade circundante a partir de uma representação do processo brasileiro.

A nossa análise, portanto, procurou situar a crise existencial de Jacobina numa relação com a fragilidade de um modelo identitário nacional que, embora pretenda ser moderno, permanece preso à conjuntura colonial baseada em princípios clientelistas e favoritistas. O espelho reflete a imagem de um Brasil esgarçado incapaz de realizar com dignidade um anseio de verdadeira individuação. Jacobina, despossuído de si, é mera aparência externa de um país fardado que nem é ele mesmo nem o outro e, retirada a farda, só resta o disparate, a total falta de sentido.

Desta sorte, a validade moderna de idéias como liberdade, igualdade, justiça, indivíduo, chegadas do contexto europeu, subsistia na nossa realidade apenas como vestes, pois não podiam ser relacionadas com a sociedade brasileira, que não as confirmava nem as poderiam confirmar, porque eram negadas precisamente pelo funcionamento daquelas instituições que deveriam realizar essas idéias. Estas, aliás, parecem, sim, de caráter metafísico, mas isso porque a política personalista baseada, no fundo, na desigualdade e na injustiça estava institucionalizada. Na verdade, o anseio de realização de Jacobina - a farda como sentido último de sua vida - é, indiscutivelmente, interessante, e mesmo cultivado pelo sistema brasileiro, já que ele o perpetua e o consolida. Deste modo, Jacobina se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo.

O símbolo do fardamento é a oferta chocante e embrutecedora de uma sociedade que enquadra o indivíduo em uma existência ilusória, afastando-o de sua humanidade, de sua verdadeira qualidade. É ainda uma advertência sobre o perigo daquele que se contempla no espelho de um país fardado e nele se instala. Machado de Assis, através do espelho, revela a força de um aparelhamento institucional que tudo vigia, que tudo domina. Em suma, um Brasil de farda escondendo as traças das velhas vestes e, um indivíduo desalmado, mas “vantajosamente” uniformizado.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Os melhores contos de Machado de Assis*. São Paulo: Global, 1993, p.33
SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 140.